



OS USOS DO TERRITÓRIO REVELANDO A CENTRALIDADE DE ARAPIRACA NO CONTEXTO URBANO E REGIONAL DO AGRESTE ALAGOANO

¹ Ana Paula Teodoro dos Santos, Autora;

² Rita de Cássia da Conceição Gomes, Autora;

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pesquisadora/Colaboradora do Grupo Josué de Castro de Estudos sobre o Território Alagoano, vinculado ao Campus I da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail:

anapaula_uneal@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ritcassiacg@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica dos usos do território no Agreste alagoano, configurando uma região que tem o município de Arapiraca como centralidade urbana e regional. Assim, como procedimentos metodológicos, elaboramos apurada pesquisa bibliográfica, concomitante a consulta de dados secundários. Preliminarmente, observamos que a partir da expansão da produção fumageira, aliada a dinamicidade econômica gerada pela feira livre local, houve uma concentração das técnicas de produção, dos estabelecimentos comerciais e de serviços no centro arapiraquense, condicionando-o ao crescimento econômico, mesmo diante da crise do setor tabagista na década de 1990. Percebemos que a partir da crise, novos usos se estabeleceram no território regional, os quais possibilitaram ao município arapiraquense se firmar enquanto centralidade do interior alagoano, incorporando a condição de cidade média dentro da dinâmica urbano-regional nordestina.

Palavras-chave: Território Usado. Centralidade. Arapiraca. Agreste Alagoano.

Abstract

This study aims to understand the dynamics of the uses of the territory in Alagoas Wasteland, setting a region that has the city of Arapiraca as urban and regional centrality. Thus, as instruments, we developed accurate bibliographic concomitant search query secondary data. Preliminarily, we observe that from the expansion of the tobacco production, coupled with economic dynamism generated by the local county fair, there was a concentration of production techniques, commercial and service establishments in Arapiraquense center, conditioning it to economic growth, despite the crisis of tobacco industry in the 1990s. We realize that from the crisis, new uses were established in the regional territory, which enabled the municipality to establish itself as Arapiraquense centrality of Alagoas interior, incorporating the condition of average city in the northeastern urban- regional dynamics.

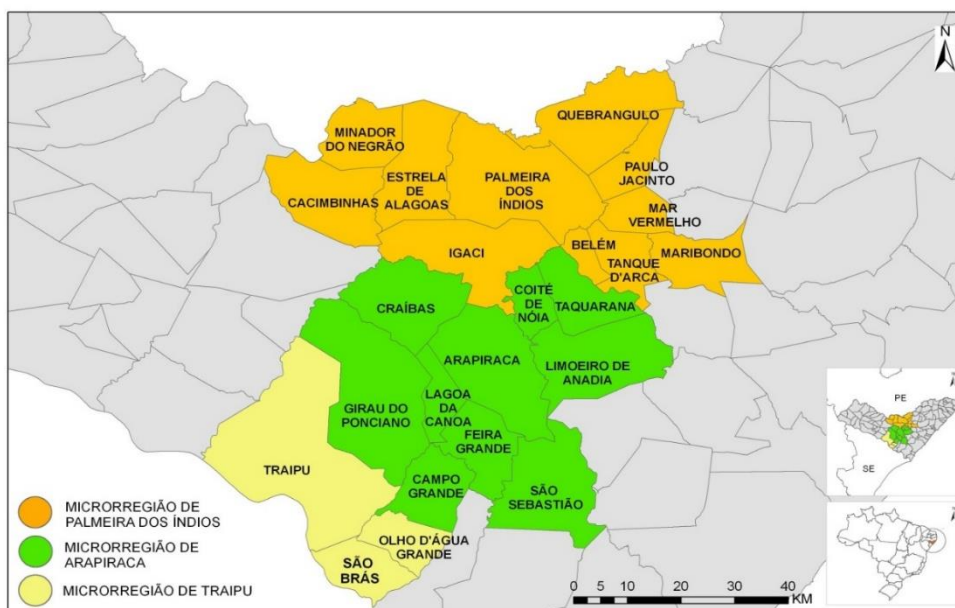
Keywords: Used Territory. Centralization. Arapiraca. Agreste of Alagoas.

1 Introdução

A região Agreste do Nordeste brasileiro carrega em sua gênese características sociais e econômicas de certa dependência a outras áreas da região. No entanto, também apresenta peculiaridades de uma sociedade que se estruturou através da pequena propriedade fundiária, em que predominava o trabalho realizado pela família, e que foi responsável pela dinamização dessa região tão importante no atual cenário econômico e social nordestino.

Por sua vez, a Mesorregião do Agreste Alagoano apresenta-se atualmente subdividida em três microrregiões, comportando 24 municípios. Esses, em sua maioria, constituída por pequenas cidades. São eles: Belém, Cacimbinhas, Estrela de Alagoas, Igaci, Maribondo, Mar Vermelho, Minador do Negrão, Palmeira dos Índios, Paulo Jacinto, Quebrangulo e Tanque d'Arca (Microrregião de Palmeira dos Índios); Arapiraca, Coité do Nóia, Campo Grande, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Limoeiro de Anadia, Lagoa da Canoa, São Sebastião e Taquarana (Microrregião de Arapiraca); e Traipu, Olho d'Água Grande e São Brás (Microrregião de Traipu) (IBGE 2010), conforme Mapa 01.

Mapa 01: Divisão Político-administrativa da Mesorregião do Agreste Alagoano.



Fonte: IBGE. Elaborado pela autora, 2013.

Possuindo uma população na ordem de 623.302 habitantes (IBGE 2010), distribuídos por uma extensão de 5.769 km², com densidade populacional de 108,61hab./km², a região Agreste alagoana carrega em sua história, particularidades que merecem, e instigam investigação, como por exemplo, as relações estabelecidas através dos usos desse território

diante da dinâmica da produção e comercialização de fumo, produto incorporado a agricultura de exportação.

Entre as décadas de 1950 e 1990, a cultura fumageira caracterizou a mais importante base produtiva da porção central do estado de Alagoas, o Agreste, sendo responsável pela ascensão econômica da região, configurando a formação da Região Fumageira de Alagoas. Esta, correspondendo ao agrupamento das 10 municipalidades tradicionalmente produtoras de tabaco no estado¹, tendo como principal produtor o município de Arapiraca, que a partir de 1950, com a instalação de multinacionais ligadas ao beneficiamento e comercialização fumageira, novas funções, normas e usos foram incorporados ao território.

Esses fatores contribuíram para que Alagoas se tornasse a principal área de produção de fumo no Nordeste brasileiro, ao mesmo tempo em que possibilitou uma concentração das técnicas de produção em Arapiraca, aliada aos incentivos fiscais e a intensificação do crédito rural, seguidas de redes de supermercados, de universidades, de agências bancárias, que aliada à expansão da feira livre local, condicionou crescimento econômico e social para o município. No entanto, no final da década de 1990 se intensifica a crise do setor fumageiro nordestino, trazendo consequências diretas para a produção dessa atividade em Alagoas. A partir da crise do fumo, novas dinâmicas territoriais se estabelecem, as quais reafirmam o papel de Arapiraca enquanto centralidade no contexto urbano e regional do Agreste Alagoano.

Assim, nosso objetivo é compreender a dinâmica dos usos do território no Agreste alagoano, configurando uma região que tem o município de Arapiraca como centralidade. Nesse contexto, atendendo, sobretudo, a dimensão econômica e a social, a pesquisa é norteada pela concepção de território usado em Santos (2005), compreendido como sinônimo de “espaço banal”, espaço de todos, das instituições, dos homens e das empresas; e pela compreensão de reestruturação discutida por Soja (1993), entendida como um processo em movimento, como a “reativa a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes” (SOJA, 1993, p.194).

Dessa maneira, além de autores como Santos (2005) e Soja (1993), optamos por um levantamento bibliográfico baseado na consulta a teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos, concomitante ao levantamento de dados secundários coletados em pesquisas tabuladas e analisadas por diversos órgãos como: IBGE, IPEADATA, Atlas de Desenvolvimento Humano e Enciclopédia dos municípios de Alagoas.

2 Agreste Alagoano: primeiros usos do território/primeiras dinâmicas territoriais

Conforme Santos (2005, p.05), “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Cada território é usado por vários agentes sociais - empresas, Estado, sociedade -, com diferentes intenções de uso ao

¹ Os municípios que compõem a Microrregião de Arapiraca correspondem aos mesmos que formam o território regional Região Fumageira de Alagoas.

longo do tempo, em um constante processo de reestruturação. As marcas desses usos em cada “porção” da história se materializam nos objetos e nas ações estabelecidas.

Por sua vez, o território do Agreste alagoano que se constituiu a partir da trilogia algodão - pecuária - policultura de subsistência, caracterizando a pequena propriedade (LIMA, 1965), vai se reestruturar efetivamente a partir da ascensão da fumicultura, a qual se torna a mais importante base produtiva da região Agreste alagoana entre as décadas de 1950 e 1990.

Segundo o historiador Zezito Guedes (1978), em meados da década de 1890, inicia-se o cultivo de fumo em terras arapiraquenses. Em pouco tempo, o plantio se difunde por outros municípios da região, como: Campo Grande, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana, constituindo a formação da região fumageira alagoana. Desde o início, Arapiraca se destaca por ser o principal produtor, além de município receptor de toda a produção circunvizinha.

A princípio, o processo de plantio do fumo, apresentou uma característica curiosa, pois teve início em um curral onde se colocavam cabras, e por esse motivo, deu origem ao nome de “fumo de curral”.

Reservado, a princípio, para o consumo familiar, o fumo cultivado nos currais de Arapiraca marcou a mais tradicional prática no cultivo da atividade. Logo, podemos caracterizar esse período histórico da produção fumageira alagoana como Pré-Técnico, em referência aos períodos históricos denominados por Santos (2008).

No entanto, a partir de 1950, se instalaram multinacionais ligadas ao beneficiamento e a comercialização da produção, marcando a chegada de processos produtivos mais modernos, e a passagem de um período Pré-Técnico para um período Técnico (SANTOS, 2008), e a efetiva reestruturação desse território. Dessa forma, a produção de tabaco em Alagoas passa a ser comandada pelo mercado externo, sendo subordinada também a produção da região Sul, a área de maior produção no país.

Ressalta-se que a maior parte desses estabelecimentos centraram-se no município de Arapiraca, conforme demonstrado por Gusmão (1985) quando afirmou que em 1977, existiam no município, 17 empresas de fumo, ou seja, 80% do total. Expressando, assim, uma forte concentração desses estabelecimentos técnicos no território arapiraquense.

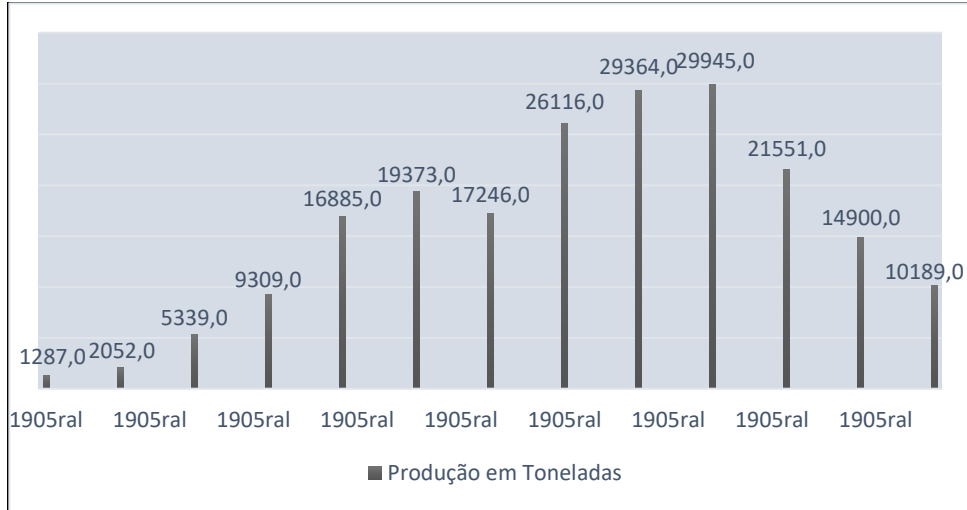
Em paralelo, a feira livre de Arapiraca segundo Guedes (1978), era o refúgio da população de baixa renda, que encontrava os mais variados tipos de produtos: roupas, utensílios domésticos, material para o trabalho no campo, animais, ervas medicinais, alimentos e móveis, condicionando trabalho a considerável parcela da população.

A feira livre e a produção fumageira acabaram incentivando o crescimento da população urbana, e a expansão do terciário para o município de Arapiraca, mesmo diante do declínio da produção de fumo no fim da década de 1990.

Nos anos de 1990, a crise do setor tabagista iniciada na década de 1980, se acentua, trazendo consideráveis rebatimentos ao território fumageiro alagoano. Relacionado à fatores

como concorrência, preço da produção no mercado, e políticas antitabagismo, a crise na fumicultura alagoana se manteve em equilíbrio até a década de 1980. No entanto, no fim da década seguinte, dá-se o declínio da produção, como se observa no Gráfico 01.

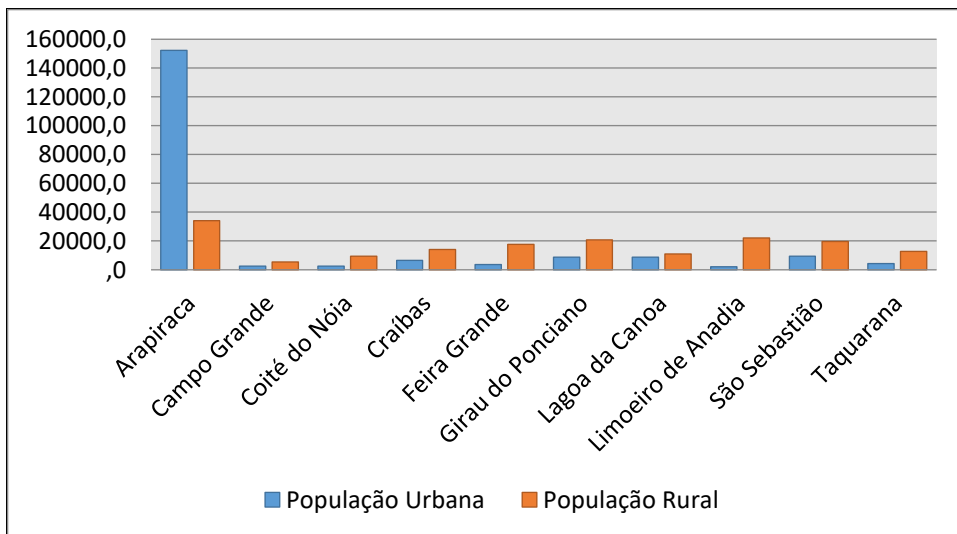
Gráfico 01: Dinâmica de produção de fumo na Região Fumageira alagoana (1945 a 2005)



Fonte: IBGE/IPEADATA. Elaborado pela autora, 2013.

Mesmo com a crise do fumo, a superioridade da população urbana de Arapiraca se comparada aos demais municípios do Agreste alagoano podem ser comprovada ao analisar o Gráfico 02 em que se demonstra o índice populacional urbano e rural dos municípios da região fumageira alagoana no ano 2000.

Gráfico 02: População urbana e rural da Região da Fumageira de Alagoas em 2000.



Fonte: Censo 2000/IBGE. Elaborado pela autora, 2013.

De acordo com o gráfico 02, enquanto Arapiraca se destaca por sua densidade urbana, registrando em 2000, 81,7% de sua população total, outros municípios, como Limoeiro de Anadia, apresentam uma concentração no campo, com 91,3% da população.

Concomitante à concentração populacional urbana de Arapiraca estava a concentração do terciário. Os dados dos Censos Comerciais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) deixam claro, por exemplo, que em 1995, Arapiraca representava 84% dos estabelecimentos comerciais de toda região fumageira alagoana, ao mesmo tempo em que os municípios de Campo Grande e Lagoa da Canoa, por exemplo, possuíam apenas 14 e 15 estabelecimentos respectivamente, conforme demonstrado na Tabela 01.

TABELA 01: Evolução do Comércio da Região Fumageira de Alagoas (1970 a 1995).

MUNICÍPIOS	NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS			
	1970	1980	1985	1995
Arapiraca	635	555	747	1.619
Campo Grande	21	1	22	14
Coité do Nóia	10	4	5	18
Craibas	-	-	34	20
Feira Grande	21	8	27	30
Girau do Ponciano	38	19	23	62
Lagoa da Canoa	37	13	44	15
Limoeiro de Anadia	31	5	7	35
São Sebastião	20	6	22	75
Taquarana	42	14	24	38

Fonte: IBGE/IPEADATA, 2013. Elaborado pela autora, 2013.

As informações da tabela 01 também comprovam o gradativo aumento dos estabelecimentos comerciais a partir de 1980 em todos os municípios. Em 1980, por exemplo, existiam 555 estabelecimentos comerciais em Arapiraca, passando para 1.619 estabelecimentos no ano de 1995. Tais características, como a alta concentração populacional e de estabelecimentos comerciais, comprovam a grande influência que Arapiraca exerce sobre os demais municípios do Agreste alagoano, evidências de sua *centralidade* no contexto urbano-regional do interior alagoano.

3 Novos usos do território: a reafirmação da centralidade de Arapiraca no Agreste Alagoano

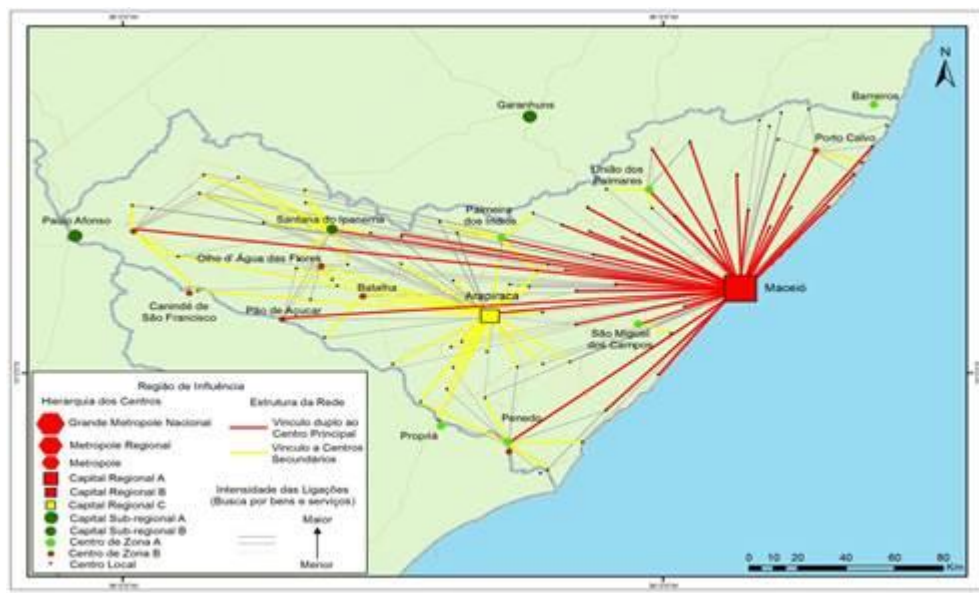
A compreensão da paisagem atual, entendida como “um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas

entre homem e natureza e entre a natureza-natureza” (SANTOS, 2008, p.103), denota que os atuais usos do território fumageiro alagoano remetem à busca por alternativas à crise do fumo, emergindo, dessa busca, novas dinâmicas territoriais diante do constante processo de reestruturação, da “combinação sequencial entre desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição” (SOJA, 1993, p.193).

Dessa maneira, após a crise do fumo, o território fomicultor alagoano se reestrutura mais uma vez, visto do declínio de sua principal base produtiva e econômica. Como estratégias de resistência à crise, percebe-se que a diversificação de culturas já se faz presente no campo, que aliado à pecuária vem trazendo significativas mudanças. No meio urbano, merece ressalva o crescimento econômico do comércio e dos serviços, principalmente para o município de Arapiraca, em que “os símbolos maiores dessa mudança são [...] o comércio central da cidade, sua conhecida feira semanal, o setor de serviços, uma forte construção civil e o núcleo industrial” (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2013, p.258, grifo nosso), setores que vem atraindo força de trabalho de toda a região.

Para compreender as articulações que regem o território do Agreste alagoano, podemos analisar documentados como o REGIC - Regiões de Influência das Cidades, 2007 (IBGE, 2008), em que é demonstrada a intensidade das relações entre localidades sob diversas escalas, assim como sua hierarquia em um sistema de redes urbanas, constituindo a dimensão da região de influência de cada centro, como se observa na Mapa 02.

Mapa 02: Regiões de influência de Alagoas.



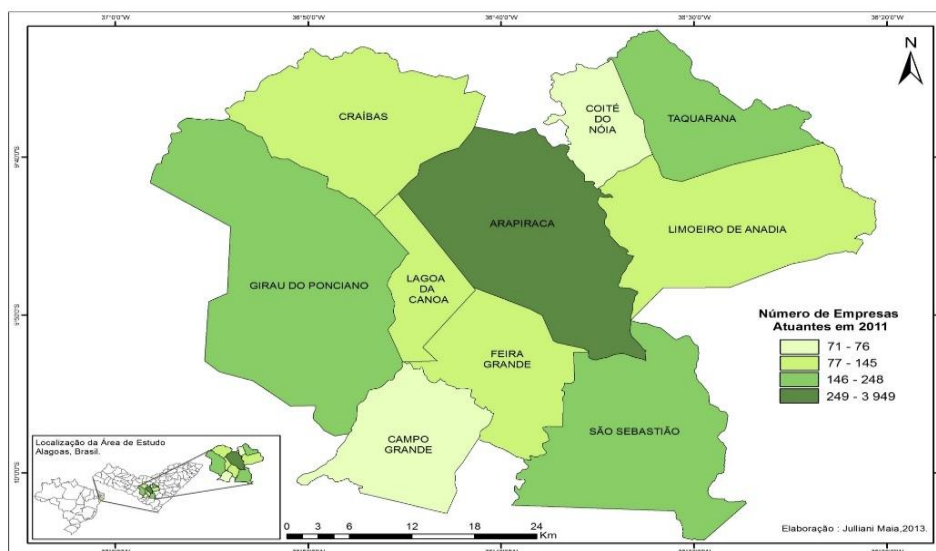
Fonte: IBGE, 2008 (REGIC, 2007). Adaptado pela autora, 2013.

Segundo as informações apresentadas no mapa 02, constatamos o destaque e a influência que o município de Arapiraca exerce no interior do estado alagoano, perdendo apenas para a capital, Maceió.

Nessa perspectiva, a cidade de Arapiraca atua como centralidade na rede urbana do Agreste alagoano justamente por ter a capacidade de “atrair” a população circunvizinha no atendimento às demandas socioeconômicas regionais, visto que de acordo com Sposito (2007, p. 37) a importância de uma cidade média em uma rede urbana “tem relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência ou, em outras palavras, a área a partir da qual alguém está disposto a se deslocar até uma cidade média para nela ter acesso ao consumo de bens e serviços”.

Para expressar essa “centralidade”, elencamos como análise a quantidade de empresas atuantes nos municípios da região fumageira alagoana. De acordo com dados do IBGE e do Cadastro Central de Empresas referente ao ano de 2011, existiam um total de 5.285 empresas atuantes na região fumageira alagoana, das quais 74,7% se concentravam no município arapiraquense, ou seja, 3.949 empresas, conforme possível apreciar cartograficamente no Mapa 03.

Mapa 03: Número de empresas atuantes na Região Fumageira de Alagoas em 2011.



Fonte: IBGE/Cadastro Central de Empresas, 2013. Elaborado pela autora, 2013.

Segundo o publicado, percebemos que os demais municípios analisados não superam as 248 unidades de empresas. Aliás, Campo Grande e Coité do Nóia detêm apenas 71 e 76 unidades de empresas atuantes respectivamente, seguidos de Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, Feira Grande e Craíbas que possuem até 145 unidades; Taquarana possui 115 empresas, Girau do Ponciano, 116, e São Sebastião, 248 unidades atuantes (IBGE, 2011). É importante ressaltar que tais empresas representam um total de 43.388 pessoas ocupadas, das quais 77,2% (33.515 pessoas) estão no município de Arapiraca, absorvendo mão de obra dos municípios vizinhos.

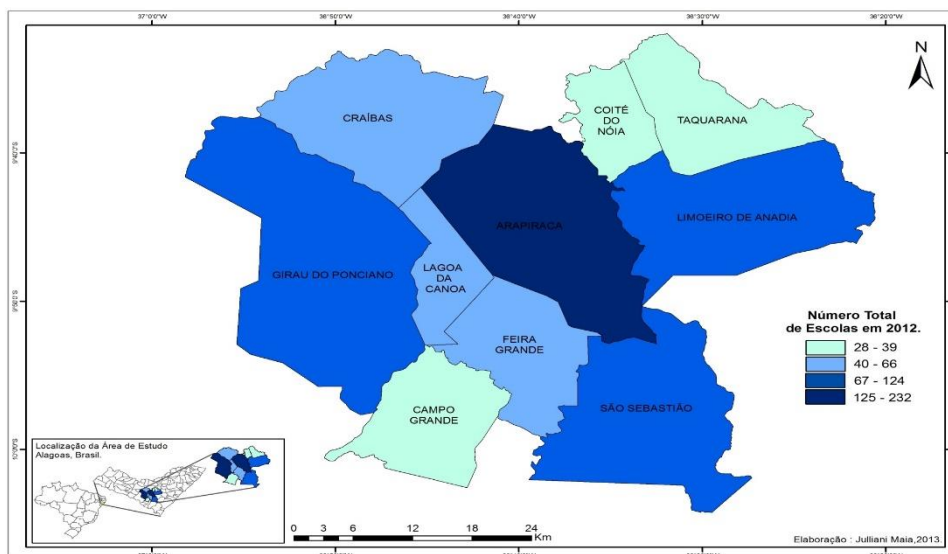
Essas empresas se subdividem no segmento industrial, comercial e de serviços, tendo a atividade comercial, especialmente o comércio varejista, um dos setores mais importantes da cidade arapiraquense, devido à grande diversidade de artigos e mercadorias oferecidas. A área urbana é a mais representativa, onde é possível encontrar uma boa quantidade de opções de estabelecimentos comerciais, como supermercados (XV de Novembro, Azul, Unicompra, Maxi, Todo Dia, da rede Bom Preço, e G Barbosa), distribuidoras de alimentos, revendedoras de veículos, lojas de material de construção, farmácias, lojas de confecção, papelarias, eletrodomésticos, móveis, panificadoras, entre outras, “na qual se destacam as lojas das cadeias nacionais e regionais (Luiza, Insinuante, Santana, Mascate, Marisa), e de concessionárias (Volkswagen, Fiat, Ford, Chevrolet, GM, Citroën, Mercedes Benz, Mitsubishi, Honda, Yamaha, Kasinski, Shineray)” (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2013, p.260), além das lojas Esplanadas, Americanas, Carajás, e da rede Atacadão, dentre outras. Empresas que por sua vez, se alocam estrategicamente em determinadas ruas e/ou bairros do centro da cidade, fazendo desses, espaços luminosos conforme denomina Santos (1994).

Vale lembrar que em setembro de 2012 foi inaugurado em Arapiraca o Shopping Gardem Arapiraca, o primeiro shopping Center do interior do estado alagoano, com grandes redes nacionais e internacionais como Riachuelo, C&A, McDonalds, Subway, Bob's, Cacau Show, Bali e Giraffas.

Conectada ao crescimento comercial arapiraquense, se encontra a rede de estabelecimentos prestadores de serviços, destaque para as instituições financeiras, os estabelecimentos de saúde e os de cunho educacional.

Para reforçar essa ideia, tomamos como análise a quantidade de escolas nos municípios da região fumageira alagoana. De acordo com dados do IBGE referente ao ano de 2012, existiam um total de 792 escolas públicas e privadas de ensino pré-escolar, fundamental e médio, das quais 29,2% se concentravam no município arapiraquense, ou seja, 232 escolas, como é possível observar cartograficamente na Mapa 04.

Mapa 04: Número total de escolas públicas e privadas na Região Fumageira de Alagoas em 2012.



Fonte: IBGE, 2013. Elaborado pela autora, 2013.

Segundo o exposto no mapa, percebemos que os demais municípios analisados não superam a existência das 124 unidades escolares. Aliás, Campo Grande, Taquarana e Coité do Nóia detêm apenas 28, 35 e 39 escolas atuantes respectivamente, seguidos de Lagoa da Canoa, Feira Grande e Craíbas que possuem até 66 instituições; São Sebastião possui 80 escolas, Limoeiro de Anadia, 83, e Girau do Ponciano 124 unidades atuantes (IBGE, 2012).

Continuando a análise sobre as instituições de ensino na região estudada, é importante destacar o papel que a cidade de Arapiraca vem exercendo nos últimos anos quanto à difusão do ensino superior, o que muito reflete a dinamicidade e o desenvolvimento da cidade.

De acordo com Silva (2010), em recente pesquisa sobre a difusão do ensino superior público e particular em Arapiraca, a efetiva expansão do ensino superior na cidade arapiraquense se dá a partir do ano 2000 quando da implantação de instituições e polos de ensino a distância, tendo em vista as novas características e relações que vieram reconfigurar o território.

Dentre as unidades de ensino superior existentes, destacam: CESAMA (Centro de Ensino Superior Arcaño Mikael), CESMAC (Centro de Estudo Superior de Maceió), FERA (Faculdade de Ensino Regional Alternativa), IESC (Instituições de Ensino Superior Santa Catarina), de cunho privado e presencial; UNIP (Universidade Paulista), UNOPAR (Universidade Norte do Paraná), ULBRA (Universidade Luterana do Brasil), IESB (Instituto de Educação de Superior do Brasil), Grupo EADCOM, FITS (Faculdade Integrada Tiradentes), FACESTA (Faculdade São Tomás de Aquino), FACINTER (Faculdade Internacional de Curitiba), Faculdade Interativa COC, Fatec Internacional, FIP (Faculdade Integrada de Patos),

Faculdade São Luiz de França, FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciência), de cunho privado e a distância; e três instituições públicas, UNEAL (Universidade estadual de Alagoas), UFAL (Universidade Federal de Alagoas), e IFAL (Instituto Federal de Alagoas). Logo, a concentração de instituições de ensino superior torna a cidade um ponto de convergência da população circunvizinha em busca de aperfeiçoamento profissional.

Conectado a essa nova fase, principalmente nos últimos cinco anos, um novo setor vem despontando em Arapiraca, o da construção civil, com muitas obras de infraestrutura, alguns condomínios de luxo, e a propagação dos conjuntos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida. Assim, esses são fatores que reafirmam a superioridade de fixos em Arapiraca, e seu destaque enquanto “centralidade” na rede urbana e regional do Agreste alagoano.

Considerações Finais

A noção de território usado transmite a ideia de mudança, de movimento presente na dinâmica de organização e de utilização do território. Na mesma direção, a noção de reestruturação expressa à tendência de transformação de algo pré-existente, entendendo assim, que tais processos se apresentam de forma indissociável, e sendo indispensável para se compreender as dinâmicas impostas ao “território do fumo” no estado alagoano.

Percebe-se que a dinâmica dos usos do território no Agreste alagoano a partir da produção fumageira, condicionou de um lado, a concentrada vida urbana para o município de Arapiraca, com novos hábitos e serviços incorporados, e por outro, uma concentração demográfica no campo pelos demais municípios, visto que apresentavam uma população rural superior a urbana, características que se mantiveram presentes nesse território mesmo após a crise da fumicultura.

Após o declínio da base produtiva fumageira, os novos usos do território alagoano se evidenciam a partir da diversificação de culturas, na zona rural; e através do crescimento econômico do comércio e dos serviços, na zona urbana, com destaque para o município de Arapiraca.

Portanto, foi possível perceber que a dinâmica de uso do território na região fumageira alagoana ao longo do tempo, ratificou o desenvolvimento desigual e combinado do capital, o qual possibilitou que Arapiraca se firmasse como o município dinamizador do interior do estado, incorporando a condição de cidade média dentro da dinâmica urbano-regional nordestina, mesmo com a crise do setor fumageiro, reafirmando sua condição de centralidade no contexto urbano e regional do agreste alagoano.

Referências bibliográficas

ENCICLOPÉDIA dos municípios de Alagoas, 2013. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas//> > Acesso em: 7 ago 2013.

GUEDES, Zezito. **Cantiga das destaladeiras de fumo de Arapiraca.** Maceió: EDUFAL, 1978.

GUSMÃO, Ivanilde Moraes de. **Acumulação de Capital e Espaço** – Estudo das modificações estruturais no espaço da Região Fumageira de Alagoas. 343f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE, 2008. **Região de influência das cidades** – REGIC, 2007. Disponível em: ftp://geoftp.ibge.gov.br/regioes_de_influencia_das_cidades/. Acesso em: 21.Dez. 2013.

LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas.** São Paulo: Ed. do Brasil. 1965.

NARDI, Jean Baptiste. **Fumo e Desenvolvimento Local em Arapiraca/AL.** Primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico sócio-econômico municipal e regional. Projeto FAPEAL/CNPQ-FUNESA. Impacto sócio-econômico da crise do setor fumageira em Arapiraca/AL e perspectivas. Projeto para o desenvolvimento Local, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço.** São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **O retorno do território.** OSAL 16 Debates Ano VI n. 16 jan./abr. 2005.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo.** 5 ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

SILVA, Sidinei dos Santos. **O Uso do território pelas instituições de ensino superior públicas e privadas e as novas possibilidades de especialização da população de Arapiraca/AL e adjacências no período atual.** Encontro Nacional dos Geógrafos/ENG, XVI. 2010, Porto Alegre. Anais...Porto Alegre: 25 a 31 de jul. 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O Estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias: espaços em transição.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.